

Editorial

É com prazer que a Revista Artefilosofia apresenta em seu décimo sexto número uma edição especial sobre música. A verticalização temática da presente edição, que corrobora a vocação da revista para canalizar e promover diálogos consistentes entre a filosofia e as artes, foi pensada com duplo propósito: por um lado, exibir um panorama diversificado da produção nacional – incluindo aquela voltada à tradução de textos de referência; por outro, dar visibilidade a pesquisas que estabelecessem uma reflexão humanística a partir de problemas concretos da realidade musical. Nesse sentido, as contribuições aqui reunidas, em sua maioria, trazem o selo do especialista, embora sejam raros os momentos em que se demande do leitor algum conhecimento técnico ou mais específico em termos teóricos.

Em 1953, nas páginas da prestigiosa revista Merkur, Adorno se envolveu numa instigante polêmica sobre o jazz com o crítico e produtor musical Joachim-Ernst Berendt. O artigo *Moda intemporal. Sobre o jazz* fora publicado em julho com o claro objetivo de contrariar o status cada vez maior que o gênero musical norte-americano passara a adquirir na Alemanha após o fim da guerra e do Terceiro Reich. Em setembro do mesmo ano e a convite da própria Merkur, Berendt publicaria, num tom respeitoso mas firme, sua resposta ao renomado filósofo, acusando-o de errar completamente o alvo. Adorno, por sua vez, preparou uma tréplica, reafirmando categoricamente sua opinião. O artigo e a tréplica de Adorno saíram no Brasil em 1998 pela Ática numa edição do livro *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Agora, como texto de abertura da seção “Tradução”, a Revista Artefilosofia dá a conhecer a réplica de Berendt, *A favor e contra o Jazz*, peça fundamental para se avaliar a postura recalcitrante de Adorno em sua tréplica, bem como para ampliar o debate sobre o tema no Brasil. A ele segue-se o artigo do musicólogo contemporâneo François Delalande sobre o desafio da análise de música eletroacústica. Na esteira de Pierre Schaeffer, compositor e teórico pioneiro da música concreta, Delalande discorre em *Na ausência da partitura* sobre os problemas e implicações da análise musical de obras – ou melhor, de “objetos sonoros” – que, dada a natureza de seus materiais e processos compositivos de origem, não são amparadas por um sistema rigoroso de notação, tornando-se, por isso, muito mais dependentes das possibilidades individuais de escuta.

Na seção “Entrevista” o leitor terá a oportunidade de conhecer um pouco da vida e das ideias de Rufo Herrera, compositor, pesquisador e instrumentista argentino radicado no Brasil desde 1963. Com uma trajetória extensa e profícua, Rufo Herrera fala sobre infância, formação, viagens, descobertas, experimentações vanguardistas, e, naturalmente, sobre sua produção musical de ontem e de hoje.

A seção “Estética e filosofia da música” reúne seis artigos inéditos, além de uma conferência proferida pelo insigne musicólogo brasileiro Regis Duprat por ocasião do Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana – Fórum das artes 2014. Em *Música que matiza, pintura que encena*: a expressão mimética em Caravaggio e Monteverdi, o compositor maior do século XVII é visto da perspectiva de suas afinidades estilísticas com o *enfant terrible* da pintura barroca, afinidades que engendrariam destinos comuns para suas obras: ambas seriam não apenas taxadas pelos conservadores da época de exageradas, indecorosas e dissonantes, como também cairiam no ostracismo tão logo o ardor e a ousadia daquele começo de século dessem lugar às formas estabelecidas e mais convencionais do barroco tardio. Em *Reflexões sobre o sagrado na música*, duas concepções musicais completamente distintas são colocadas frente a frente e discutidas em diálogo com o pensamento do musicólogo francês convertido ao hinduísmo Alain Daniélou: a música sagrada, desenvolvida no seio das civilizações antigas do Oriente e do Ocidente, e a sacralização da música, nascida no século XIX como expressão do culto romântico do gênio. A primeira assenta sobre uma concepção heterônoma, pois a música, ao simbolizar o sagrado, aponta para além de si mesma; já no caso da música sacralizada, a própria música se torna uma manifestação do absoluto e, assim, objeto de culto. Em *Bach e o esquecimento*, o tema é o prelúdio BWV 999 em dó menor, de Johann Sebastian Bach. O esquecimento de Bach entre a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX – período de ascensão e declínio do estilo clássico – é tomado como chave de leitura para analisar e metaforizar o decurso harmônico de um pequeno prelúdio do compositor alemão, no qual, embora a tonalidade estabelecida seja dó menor, tem sua conclusão na tonalidade de sol maior, como se a obra tivesse “esquecido” de retornar ao seu ponto de partida. *História e filosofia hermenêutica como parâmetros para a reflexão musical* mostra que pensar a música em sua condição sócio-histórica sob a ótica hermenêutica é, sobretudo, resguardar-se contra as armadilhas do evolucionismo. Destaque-se aqui a crítica dirigida a Charles Rosen e Theodor Adorno. *Só há Beethoven e Hegel? Breve reflexão sobre uma frase de Adorno* discute o lugar privilegiado ocupado por estes dois ícones

da *Aufklärung* no pensamento adorniano, apontando, ao final, para a necessidade de se rever certos pressupostos da estética musical formulada pelo filósofo frankfurtiano. *Breves apontamentos sobre as diretivas culturais do III Reich na França ocupada* avalia o modo como a vida musical francesa, nos anos de ocupação alemã, foi afetada pela intervenção de duas organizações culturais nazistas, o *Propaganda-Abteilung Frankreich* e o *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg*. Talvez o leitor se surpreenda com a informação de que o compositor de vanguarda Olivier Messiaen pode ter colaborado com o expurgo dos judeus em seu próprio país. Encerrando a seção com chave de ouro, *Barroco, classicismo e a música do Brasil Colonial* faz uma reflexão sobre as matrizes estilísticas europeias que definiram o caráter “misto” – ou “mestiço” – da música colonial brasileira. No texto de sua conferência, o prof. Regis Duprat expõe de forma clara e erudita a complexidade de um repertório ainda pouco compreendido e nem sempre reconhecido em seu devido valor histórico e musical.

Na seção das resenhas o leitor encontrará a apreciação de dois livros. O primeiro é *De segunda a um ano*, da autoria de John Cage, o compositor libertário da vanguarda americana, autor do primeiro happening e pai do piano preparado. Lançado pela segunda vez no Brasil (a primeira em 1985 pela Hucitec, a segunda em 2013 pela Cobogó) na bela tradução de Rogério Duprat, *De segunda a um ano* revela a faceta espiritualista e intelectual do músico que via no acaso um elemento indispensável do processo compositivo. A edição da Cobogó trás ainda dois prefácios de Augusto de Campos (o primeiro feito para a edição de 1985). O segundo livro é *William Shakespeare: as canções originais de cena*, de Carin Zwillig, com a colaboração de Leonel Maciel Filho e Andrea Kaiser (Annablume, 2010). Sem dúvida, uma das publicações musicológicas mais importantes dos últimos tempos no Brasil, pois além dos esclarecimentos históricos e estéticos sobre a música no teatro de Shakespeare, a autora, que também é alaudista, compila, comenta e transcreve 32 canções incorporadas pelo dramaturgo em seu teatro.

Boa leitura a todos!

Rainer Patriota (editor convidado)